



EDITORIAL

Esta é a décima sexta edição do *Informativo Conexões*, boletim informativo do *Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise* da *Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF)*, referente aos meses de novembro e dezembro de 2025 e janeiro de 2026 e que abre o quarto ano e volume de publicações!

Neste número, vocês encontrarão as seguintes seções:

- **Agenda**, na qual anunciamos os eventos realizados neste trimestre e as atividades que ocorrerão em breve;
- **Publicações**, onde divulgamos os lançamentos recentes do nosso grupo, além de publicações de interesse geral para a nossa comunidade.
- Seção especial dedicada ao **XI Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise** que ocorreu na Universidade Federal do Amazonas entre os dias 1 e 5 de dezembro de 2025.
- Na seção **Opinião em Debate** apresentamos uma entrevista com Alessandra Affortunati Martins realizada por Marcel D. C. Souza;
- e, por fim, a seção dedicada ao **Canal do GT no YouTube**, com atualizações de Eduardo Ribeiro sobre vídeos e playlists no canal.

Contamos com a colaboração de vocês na divulgação e na construção desta publicação!

Aproveitem a leitura!

Dr. Caio Souto (UFAM)

Coordenação

Editoração do Informativo

Me. Izabela Loner

(Unicamp)

Secretaria Acadêmica do GT

Editoração do Informativo

Me. Petra Bastone (UFRJ)

Revisão do Informativo

Dr. Eduardo Ribeiro da

Fonseca (PUCPR)

Curadoria Youtube do GT

Conselho editorial

Dr^a. Aline Sanches (UEM)

Dr^a. Cláudia Murta (UFES)

**Dr^a. Fátima Caropreso
(UFJF)**

Dr^a. Léa Silveira (UFLA)

**Dr^a. Maria Cristina Sparano
(UFPI)**

Dr. Richard Simanke (UFJF)

Dr. Weiny Freitas (UFMS)

Endereço: ANPOF - Cidade
Universitária, Bairro Barão
Geraldo - Campinas/SP, CEP
13.084-100

Contato: informativo.filopsica
@gmail.com

AGENDA

V Colóquio Filosofia e Psicanálise da UNICAMP Fundamentos Lógicos e Filosóficos da Psicanálise



“[...] Em 2026, o **Colóquio** mantém a aposta, já presente em 2023, na valorização das produções desenvolvidas na e com a UNICAMP no campo da filosofia e da psicanálise, fortalecendo redes internas de pesquisa e promovendo o diálogo entre diferentes institutos, instituições, grupos e tradições teóricas. Sob o tema **‘Psicanálise e outras ciências’**, esta edição concentra-se na análise das relações entre a psicanálise e outros campos do saber, sempre mediadas pela reflexão filosófica, com ênfase na teoria do conhecimento, na epistemologia e na lógica, entre outros domínios. [...]

Nesta edição, esse esforço se articula ainda a uma homenagem e retomada da obra de **Luiz Roberto Monzani**, figura central para a consolidação da filosofia da psicanálise no Brasil e para a história intelectual da UNICAMP.

Professor do **Departamento de Filosofia da UFSCar** e, na **UNICAMP**, do **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas** e pesquisador do **Centro de Lógica e Epistemologia**, onde fundou o curso de especialização **‘Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise’**, Monzani foi responsável por introduzir e desenvolver, no contexto universitário e filosófico brasileiro, uma abordagem conceitualmente rigorosa da psicanálise em diálogo com a tradição filosófica moderna e contemporânea. Autor de obras fundamentais como ***Freud, o movimento de um pensamento (1989)***, ***Desejo e prazer na idade moderna (1995)***, sua produção teve papel decisivo na formação de pesquisadores e na constituição de um campo de investigação dedicado aos fundamentos filosóficos da psicanálise. Ao retomar seu legado, o **V Colóquio Filosofia e Psicanálise da UNICAMP** reafirma seu compromisso com a continuidade crítica dessa tradição de pesquisa e com a articulação entre filosofia, psicanálise e outras ciências.”

[Link](#) para a chamada completa.

Prazo para submissão de propostas de comunicação até 01 de março de 2026, [neste link](#).

Colóquio Canguilhem na Amazônia

O **Colóquio Canguilhem na Amazônia**, realizado nos dias **27 e 28 de novembro de 2025** na **Universidade Federal do Amazonas (UFAM)** em **Manaus**, foi um encontro acadêmico híbrido (com atividades presenciais e online) dedicado a debater a obra e o pensamento do filósofo e médico francês Georges Canguilhem, especialmente suas contribuições para a filosofia da ciência, normatividade, saúde, ecologia e psicanálise.

Para mais informações sobre o evento, conferir a [chamada institucional](#).

[Confira as gravações do evento](#).

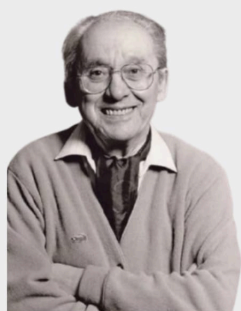


2º Ateliê

Ricœur na América Latina

19 a 22 de
maio de 2026

da interpretação
ensaio sobre Freud
paul ricœur



2o Ateliê Ricœur na América Latina

“A **Rede Brasil-Ricœur** anuncia o **2º Ateliê Ricœur na América Latina**, a realizar-se entre os dias **19 e 22 de maio de 2026**, na **UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, campus de Campo Grande.

Realizado pela **Rede Brasil-Ricœur** e pela **UFMS**, com a colaboração da **UESC** - Universidade Estadual de Santa Cruz (BA) e da **UFSB** - Universidade Federal do Sudoeste da Bahia, e com a parceria do **Fonds Ricœur (Paris, França)**, o evento se concentrará no estudo e discussão do livro ***Da interpretação: ensaio sobre Freud (1965)***. Será ocasião, igualmente, de celebrar os sessenta anos da publicação (2025) da obra, refletir sobre suas teses e interrogar sobre sua significação e relevância no interior do pensamento ricœuriano e fora dele.

O evento, de porte internacional, é voltado a todos os interessados pela obra de Paul Ricœur (1913-2005): professores, pesquisadores, estudantes, profissionais autônomos, e notadamente àqueles que se interessam por trabalhos de interface entre Filosofia, Fenomenologia, Psicanálise, Hermenêutica, Teoria da Subjetividade, Religião, outros temas desenvolvidos pela obra.”

As inscrições para Comunicações Científicas estarão abertas do dia 15/01 até 15/03 de 2026.

Para mais informações sobre o evento, confira a [chamada completa](#).

Análise de três eixos conceituais em “Inibição, sintoma e angústia” (1927)

Nos dias **19 e 26 de novembro e 10 de dezembro de 2025**, ocorreu o curso “Análise de três eixos conceituais em ‘Inibição, sintoma e angústia’ (1927)” com **Cléa Ballão (UNICENTRO)** e com **Eduardo Ribeiro da Fonseca (PUCPR)**. Sobre o curso:

“O texto freudiano ‘Inibição, sintoma e angústia’ (1927) representa uma referência crucial para a revisão da teoria da angústia, proporcionando eixos conceituais férteis para o diálogo entre a Psicanálise e Filosofia. A proposta a seguir estrutura a discussão de três pontos centrais do escrito, cada qual destinado a um encontro, e abrange distinções conceituais e dinâmicas metapsicológicas essenciais para compreender a angústia.

1º Encontro (19/11/25): Sede e função da angústia — do automático ao sinal do Eu.

2º Encontro (26/11/25): Angústia como medo da perda e a condição humana do desamparo.

3º Encontro (10/12/25): Angústia neurótica e manipulação da realidade — projeção e fuga.

Link para as aulas no [canal do Selo Editorial Filosofia de Combate](#).



ANÁLISE DE TRÊS EIXOS CONCEITUAIS EM “INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA” (1927)

com **Cléa Ballão (UNICENTRO)**
e **Eduardo Ribeiro da Fonseca (PUCPR)**



Encontros on-line,
às quartas-feiras,
das 14:00 às 15:30.

1º Encontro: (19/11/25)
2º Encontro: (26/11/25)
3º Encontro: (10/12/25)

transmissão pelo YouTube:
 **FILOSOFIA DE COMBATE**
EDITORAÇÃO INDEPENDENTE

SAIBA MAIS →

Composing with Spielrein: Contemporary Applications of Sabina Spielrein's Work International interdisciplinary conference

September 5–6, 2026 - Online

The conference explores the extraordinary thinking of Sabina Spielrein, acknowledging and developing her pioneering legacy in the world of psychoanalysis and beyond. Papers should integrate Spielrein's ideas and concepts into your own field of interest in new, innovative ways. Our ambition is to create new avenues of enquiry and lay the ground for new contributions to knowledge, based on Spielrein's ideas. We welcome papers discussing the relevance of Spielrein's work in contemporary clinical settings, but also in relation to philosophy, sociology, childhood studies, gender studies, and the arts.

The conference is organized by the **Centre of Childhood Studies, Department of Psychosocial and Psychoanalytic Studies** at the **University of Essex**, in collaboration with the **International Association for Spielrein Studies** and the **International Psychoanalytic University Berlin**.

Call for papers aberto até 10 de fevereiro de 2026.

Para mais informações, visite o [site do evento](https://www.spielreinassociation.org/register).



Composing with Spielrein:

Contemporary Applications of Sabina Spielrein's Work

International interdisciplinary conference

September 5-6, 2026

Online

The conference is organized by the Centre of Childhood Studies, Department of Psychosocial and Psychoanalytic Studies at the University of Essex, in collaboration with the International Association for Spielrein Studies and the International Psychoanalytic University Berlin.

Speakers include:

Fátima Caporaso
Katalin Nóra Falvégi
John Launer
Klara Naszkowska
Esther Rapoport
Ana Tomić
Renata Udler Cromberg

The conference explores the extraordinary thinking of Sabina Spielrein, acknowledging and developing her pioneering legacy in the world of psychoanalysis and beyond. Papers should integrate Spielrein's ideas and concepts into your own field of interest in new, innovative ways. Our ambition is to create new avenues of enquiry and lay the ground for new contributions to knowledge, based on Spielrein's ideas. We welcome papers discussing the relevance of Spielrein's work in contemporary clinical settings, but also in relation to philosophy, sociology, childhood studies, gender studies, and the arts.

Call for Papers is now OPEN:

Abstracts (100 words) should be sent to ana.tomcic@essex.ac.uk by February 10, 2026.

More information can be found at:
<https://www.spielreinassociation.org/register>



Filosofia, linguagem e psicanálise lacaniana

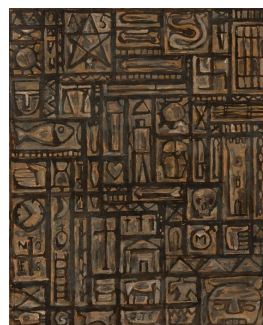
O curso **Filosofia, linguagem e psicanálise lacaniana**, que ocorrerá entre **fevereiro e junho de 2026 presencialmente na UFABC – campus São Bernardo do Campo**, tem como eixo central a discussão de questões filosóficas suscitadas pelo ensino de Jacques Lacan, especialmente no que diz respeito à linguagem, ao sujeito e ao estatuto do transcendental, a partir de um diálogo com a filosofia contemporânea. O curso é voltado a pesquisadoras(es) que estejam trabalhando essas questões ou em temas e problemas correlatos.

quartas-feiras, das 16h às 19h.

Coordenação:

Profa. Dra. Suze Piza (UFABC)
Doutoranda Izabela Loner (UNICAMP)

Mais informações – datas, programação, inscrição – no [link](https://www.spielreinassociation.org/register).



Curso
**Filosofia, linguagem
e psicanálise lacaniana**
fev-jun/26
UFABC-São Bernardo do Campo

Coordenação:
Profa. Dra. Suze Piza (UFABC)
Doutoranda Izabela Loner (UNICAMP)
filosofiapsicanaliseunicamp@gmail.com

UFABC
Filosofia
UFABC

PUBLICAÇÕES

v. 9 n. 22 (2025): *Psicanálise, teoria e clínica* (volume 1)

Modernos & Contemporâneos: revista de filosofia

Alexandre Starnino e Daniel Omar Perez (orgs.)

“O dossiê especial ***Psicanálise, teoria e clínica*** organizado em dois volumes, reúne um conjunto significativo de artigos, traduções e resenhas que exploram diferentes dimensões do campo psicanalítico em diálogo com a Filosofia, a Política e outras áreas do saber. Partindo do arcabouço teórico freudiano e lacaniano, os textos aqui apresentados interrogam os fundamentos conceituais da psicanálise, suas articulações internas e suas ressonâncias interdisciplinares, tanto no plano teórico quanto no clínico.

As contribuições apresentadas desenvolvem-se tanto pela análise e explicitação dos textos e conceitos da tradição psicanalítica — destacando sua gênese, articulação e relações conceituais — quanto pela problematização crítica a partir do diálogo, da contraposição ou do confronto com outros campos do pensamento contemporâneo. Desse modo, o dossiê propõe um espaço de discussão rigorosa sobre os fundamentos, os limites e as possibilidades da psicanálise na atualidade. Este primeiro volume é composto por onze artigos que integram o dossiê, além de dois artigos independentes, três resenhas críticas e duas traduções.

A divisão do dossiê em dois volumes visa favorecer a organização e a circulação das contribuições, preservando a coerência temática e a diversidade teórica que caracterizam o campo psicanalítico.”

Acesse o primeiro volume do dossiê no [site da Revista](#).



“A palavra das mulheres como phármakon: uma leitura arqueológica”

***Revista Kriterion* (v. 66 n. 161, 2025)**

Alessandra Affortunati Martins

Resumo: Trata-se de recorrer à arqueologia do saber, tal como empreendida por Foucault, em suas aulas entre os anos de 1970-1971 no Collège de France, para resgatar o lugar da mulher no contexto clássico grego. Nas primeiras aulas desse período, Foucault explora a subdivisão entre sofistas e filósofos que abalou de modo irreversível o lugar de saber e poder da sofística. Tal abalo consolida o viés da lógica aristotélica em detrimento da palavra em sua função de phármakon. Com esse recorte, a pesquisa arqueológica realizada por Barbara Cassin sobre a sofística, especialmente o Elogio de Helena, de Górgias, também se torna uma referência para compreender outra forma de saber tradicionalmente ligada às mulheres. Por meio de sua análise filológica e dos estudos da classicista Nicole Loraux (1993) sobre a figura de Aspásia, nota-se como a validade do que é tomado como verdade na tradição ocidental subdivide-se também por um corte de gênero subjacente, no qual modelos historicamente atrelados aos saberes das mulheres – ou femininos de maneira mais ampla – aparecem destituídos de valor, ao passo que formas ligadas aos modelos de pensamento masculino emergem alinhadas ao que é tido como verdadeiro e, portanto, contendo valor nas sociedades ocidentais.

Confira o artigo completo no [site da Revista](#).

“Pensar a corporeidade é confrontar-se com a experiência mais crua da existência: ser corpo. O corpo não é apenas extensão, nem mero mecanismo biológico; é a carne vulnerável em que se inscrevem o sofrimento, o desejo, a finitude e a possibilidade mesma de criar sentido. Corpo que padece, que goza, que se fragmenta e resiste; corpo atravessado por pulsões e por símbolos – mas, antes de tudo, corpo exposto, radicalmente humano.

É nessa direção que a **coletânea organizada por Eduardo Ribeiro da Fonseca** se move: a de restituir ao corpo o lugar de origem e de destino, mostrando que a corporeidade é mais do que uma categoria conceitual – é o núcleo mesmo da subjetividade, aquilo que não cessa de nos lembrar da dor de existir e da abertura ao outro.

Se, na filosofia, o corpo precisou ser restituído em seu legítimo valor para superar a dicotomia cartesiana que o segregava da mente – como faz Schopenhauer, situando-o como fio condutor da Vontade, e até mesmo Nietzsche, como força dionisíaca de criação e destruição –, na psicanálise ele se revela como campo de inscrição do inconsciente, do desejo e do gozo. Ao reunir diferentes vozes, este livro mostra que a corporeidade, em sua densidade ética, estética e política, constitui o fundamento de toda experiência: somos irremediavelmente lançados no mundo como corpos que sofrem, desejam e se expõem ao desamparo.

Ao final, ressoa a provocação formulada por Eduardo em seu prefácio: o que significa ser corpo, ou habitar um corpo?”

- Maria Fernanda Fernandes

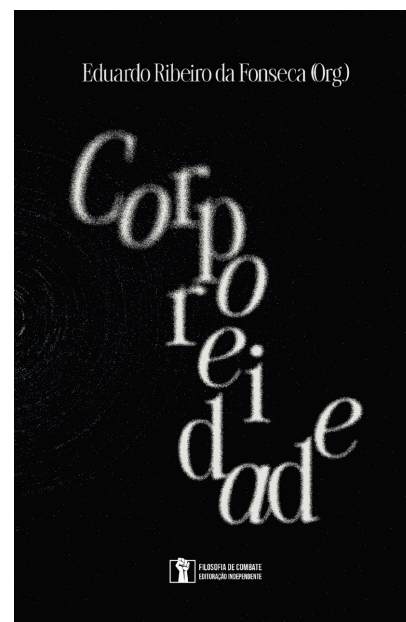
Confira o livro no [site do Selo Editorial](#).

CORPOREIDADE

Eduardo R. da Fonseca (Org.)

Selo Editorial

Filosofia de Combate



Filosofia, psicanálise e contemporaneidade (vol.6)

Lee V. Monteiro, Luis H. C. Sierakowski, Wesley Rodrigues (orgs.)

Selo Editorial Filosofia de Combate

“**Filosofia, psicanálise e contemporaneidade** apresenta, em seu sexto volume organizado por **Lee Vinagre Monteiro, Luis Henrique Chaiben Sierakowski e Wesley Rodrigues**, um conjunto de estudos que se debruçam sobre os impasses éticos, políticos e subjetivos que marcam o mal-estar da época. Reunindo pesquisadores vinculados ao **Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**, a coletânea articula reflexões que atravessam o pensamento filosófico e a clínica psicanalítica, explorando temas como vida e morte, produção de subjetividade, culpa, trauma, biopoder, niilismo, violência e os modos de subjetivação no cenário contemporâneo.”

Confira o livro no [site do Selo Editorial](#).

Mulheres apagadas

Antologia resgata vozes pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. Por Sheila Kaplan, para o Valor, do Rio



Uma psicanalista que se tornou referência mundial em seu tempo, Sheila Kaplan, autora de *Mulheres apagadas*, uma antologia de textos de pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. O livro resgata vozes importantes da primeira geração de psicanalistas, como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Melanie Klein, Anna Freud, e muitas outras. A obra é uma homenagem às mulheres que abriram caminho na psicanálise e que foram esquecidas ao longo do tempo. A antologia é organizada por Sheila Kaplan, uma das principais autoras do livro. O livro é dividido em duas partes: a primeira apresenta os textos das pioneiras e a segunda apresenta os textos de autores que se inspiraram nelas. O livro é uma leitura obrigatória para quem se interessa por psicanálise e história da psicologia.

Antologia resgata vozes pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. Por Sheila Kaplan, para o Valor, do Rio



Antologia resgata vozes pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. Por Sheila Kaplan, para o Valor, do Rio



Antologia resgata vozes pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. Por Sheila Kaplan, para o Valor, do Rio

Antologia resgata vozes pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. Por Sheila Kaplan, para o Valor, do Rio

Antologia resgata vozes pioneiras esquecidas da primeira geração de psicanalistas. Por Sheila Kaplan, para o Valor, do Rio

“Por que as mulheres foram apagadas da história da psicanálise: Livro resgata pioneiras esquecidas da psicanálise”

Por Sheila Kaplan

para o Valor, do Rio 09/11/2025

Resenha de Sheila Kaplan sobre o livro **Mulheres pioneiras da psicanálise: uma antologia**, editado pela Autêntica e organizado por Fátima Caropreso e Renata Udler Cromberg para o **Jornal Valor Econômico**.

Acesse a resenha completa no [site do Jornal](#).

Chamada para publicação

Trama - Revista de Ciencias Sociales y Humanidades (Tecnológico da Costa Rica)

“A equipe editorial da **Revista TRAMA** convida a comunidade acadêmica a participar de sua convocatória para recebimento de **artigos para 2026-2027**. Pesquisadores, autores, estudantes de graduação e pós-graduação nas áreas de **Filosofia, Psicanálise, Ciências Sociais, Humanidades, Direito e disciplinas afins** são bem-vindos a enviar suas contribuições.

Os artigos podem ser enviados em **espanhol, português e inglês**.

A **TRAMA** é uma revista acadêmica dirigida a pesquisadores, professores, extensionistas e estudantes de graduação e pós-graduação. Seu modelo é de acesso aberto diamante, o que significa que não há nenhum custo para o processamento, revisão e publicação de artigos, garantindo a livre distribuição do conhecimento.”

Para mais informações, visite o [site da Revista](#).

Edital de chamada para publicação Selo Editorial Filosofia de Combate

“O **Selo Editorial Filosofia de Combate**, com apoio da **linha de pesquisa em Filosofia da Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)**, torna pública a presente chamada para submissão de propostas de publicação de livros, destinada à seleção de novos volumes a serem editados ao longo do ano de 2026.

Por meio deste, **Filosofia de Combate** busca promover a divulgação de pesquisas desenvolvidas regionalmente no Estado do Paraná, incentivando a publicação, a editoração acadêmica e a formação editorial crítica, em consonância com os princípios da pós-graduação e com os critérios institucionais da CAPES.”

Para mais informações, confira o edital completo no [site do Selo Editorial](#).



XI CIFIP

CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E PSICANÁLISE

**Filosofia e Psicanálise na Amazônia:
Diálogos Interdisciplinares e Perspectivas Contemporâneas**



“Pela primeira vez, o **Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise** organizado pelo **GT** foi realizado na região Norte do Brasil, na cidade de Manaus. Com o tema **“Filosofia e Psicanálise na Amazônia: Diálogos Interdisciplinares e Perspectivas Contemporâneas”**, a **Universidade Federal do Amazonas** nos acolheu em um momento histórico muito significativo da expansão do debate acadêmico e científico no país. Mais do que um deslocamento geográfico, realizar este evento na Amazônia foi um ato de reconhecimento da relevância deste território nas discussões contemporâneas.

O evento celebrou o fortalecimento da pesquisa acadêmica no Norte do Brasil, alinhando-se à consolidação do Programa de **Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA)** e ao recém-aprovado **Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF)** da UFAM. Além dos temas já consolidados no campo, o congresso propôs incluir no debate questões fundamentais que emergem da realidade amazônica e do cenário global, como as **epistemologias indígenas, as questões étnico-raciais, a crise climática, os saberes ancestrais e os desafios sociopolíticos que atravessam a região e o mundo.**

O evento contou com **27 conferencistas**, entre os quais **3 internacionais**. Estas atividades aconteceram de forma presencial, com transmissão virtual. As comunicações científicas se dividiram em presenciais e virtuais. Foram **40 comunicações virtuais e 39 comunicações presenciais**. Todas as transmissões estão disponíveis na plataforma do YouTube, reforçando nosso compromisso com a democratização do saber.

O apoio institucional da **CAPES**, do **CNPq** e da **FAPEAM**, assim como a parceria com o **Programa de Pós-Graduação em Psicologia** da **UEM-PR** foram fundamentais, demonstrando o compromisso das instituições com o avanço do conhecimento na interseção da filosofia e psicanálise.

Expressamos nosso mais vivo reconhecimento a cada participante do **XI CIFIP** e às instituições que tornaram este evento extraordinário possível.”

Aline Sanches (UEM-PR)
Vice-coordenadora do GT

OPINIÃO EM DEBATE

Entrevista com Alessandra Affortunati Martins
por Marcel D. C. Souza

“O balanço sobre as heranças e dívidas do século XX é uma constante nos estudos das Ciências Humanas, campo que se desenvolveu, em grande medida, a partir de críticas e avaliações sobre a história e a historiografia das correntes teóricas, das experiências políticas, revoluções, guerras e genocídios deste século.

Nos últimos 10 anos, com a ascensão internacional de programas fascistas, a fase atual de extermínio na colonização israelense em Gaza, o sequestro do presidente latinoamericano Nicolás Maduro, bem como a intensificação e avanço, pós-Bolsonaro, da violência policial e privatizações em território nacional, em meio a uma premente incapacidade política das esquerdas de realizar alguma contraposição efetiva a esses avanços, essa constelação de fatores atualiza o valor de um balanço crítico.

Não apenas devido a prejuízos de ataques da extrema-direita, mas talvez por uma desorientação própria das esquerdas, vemos aparecer no centro dos debates expressões como “o futuro da esquerda” e questões sobre o diagnóstico de nosso tempo.

Não vejo como uma coincidência que livros como o **Junho de 2013: a rebelião fantasma**, publicado pela Boitempo em 2023, ou mesmo a reescrita e publicação em 2025 do livro de Vladimir Safatle **A esquerda que não teme dizer o seu nome**, acompanhem temporalmente entrevistas em podcasts onde, vira e mexe, uma militante ou um influenciador faz um balanço sobre a sua história de vida e sua formação política nos últimos 20 anos. As ruas e os rolezinhos de 2013, as ocupações nas escolas em 2014, o golpe sobre Dilma em 2016, Bolsonaro, militares no poder e Lula. Mais recentemente foi publicada uma entrevista com a professora Marilena Chaui, na Folha de São Paulo, e em certos momentos não consegui ver o seu depoimento fora dessa série, como mais um desses balanços.

Foi nesse período, ainda como estudante de Psicologia, que conheci Alessandra Affortunati Martins, quando convidada para ministrar uma aula, na UNICAMP, sobre Sigmund Freud e seu texto “O homem Moisés e a religião monoteísta”.

Alessandra é escritora, filósofa e psicanalista, além de uma das fundadoras e membras do GEPEF (*Grupo de Estudos, Pesquisas e Escritas Feministas*). Ela é doutora em Psicologia Social e de Trabalho pela USP, com uma pesquisa que segue em curso em seu atual pós-doutoramento, acerca dos conceitos de “sublimação”, “estranho” e “estrangeiro” em Freud. Para ela, esses conceitos são não apenas dinâmicas psíquicas, mas também formas estéticas, determinadas histórica e geograficamente. Tem 5 livros publicados: **Sublimação e Unheimliche** (Pearson, 2017), **Freud e o patriarcado** (Hedra/FAPESP, 2020), **O sensível e a abstração** (e-galaxia, 2021), **Breve História da Carne** (Iluminuras, 2023) e **Limiares: desafios contemporâneos da psicanálise** (Blucher, 2024). Em março de 2026 sairá seu novo livro: **Discursos da Vulva** (Editora Cult).

MDCS: *Gostaria muito de poder recuperar, primeiro, Alessandra, o seu balanço sobre as mudanças que identifica em suas próprias concepções ao longo das últimas décadas. Me lembro que em 2019 eu via os intelectuais como supostamente muito bem “entendidos” de toda realidade da ascensão do fascismo no Brasil. Não sei se esse entendimento que se tinha teve os reais efeitos esperados. Para você, o que mudou depois do governo Bolsonaro e da pandemia de Covid-19 ?*

AAM: Antes de tudo, Marcel, gostaria de te agradecer pelo interesse em meu trabalho e pelas perguntas que me concedem oportunidade de articular alguns pensamentos que venho construindo ao longo desses últimos anos. Essa primeira questão, especialmente, situa com muita acuidade o que ocorreu nas minhas elaborações teóricas. Queria começar com uma digressão sobre o lugar no qual me situo para retomar o que pude elaborar a partir dele e de meu trabalho intelectual.

Minha posição política à esquerda foi uma construção vagarosa, que se deu durante os primeiros anos de graduação em Psicologia na PUC-SP e se consolidou também teoricamente com os estudos que realizei pouco depois na Filosofia da FFLCH-USP. Minha família é composta por pessoas de direita - não extrema-direita, mas claramente de direita. Essa origem sempre concedeu um ar estrangeiro ao meu lugar como intelectual de esquerda. Ou seja, ser de esquerda não havia sido uma questão de berço, como ocorre com muitos intelectuais. Esse traço estrangeiro de minha origem demarca uma posição nem sempre confortável de sustentar; a vantagem talvez tenha sido o fato de que minha adesão às posições predominantes sempre se deu de maneira dificultosa, e, desistindo de ser o que jamais poderia ser, tive muita liberdade intelectual.

Por várias razões que não interessam, estudo o nazifascismo de maneira intensa há décadas. O interesse pela obra de Walter Benjamin, que se iniciou nos anos 2000, também me conduziu para esse contexto de análise crítica entre as décadas de 1920-1945 na Europa. Antes de 2015, porém, esses estudos tinham uma versão talvez menos programática e só naquele ano assumiram protagonismo nas pesquisas que realizei em um pós-doutorado sobre O homem Moisés e a religião monoteísta. O ensaio foi escrito por Freud logo após a ascensão de Hitler ao poder e do exílio de Freud na Inglaterra.

Quando a extrema-direita se consolida como força política no Brasil de hoje, esse repertório anterior situa o fenômeno em minhas reflexões sobre o presente, mas ele ainda deixa várias lacunas para pensá-lo.

O fato de minha família ser de direita sempre exigiu de meus afetos o esforço de tentar entender a linha de raciocínio que dali se desdobrava. Isso é muito difícil, quase impossível. Mas faço esse exercício em nome do amor que sinto pela minha mãe, que é conservadora. Quando minha raiva cresce, busco entender o lado da outra pessoa, o que não significa justificar posições que não considero éticas.

O ano de 2018, por conseguinte, trouxe a mim a tarefa inglória de tentar entender algo sobre o bolsonarismo.

Comecei pelo Olavo de Carvalho que se nomeava filósofo. Li uma série de escritos olavistas quando quase ninguém da esquerda considerava esse passo importante e simplesmente subestimava a extrema-direita. Em um debate com Vladimir Safatle, publiquei pelo site da N-1 edições o ensaio “Da melancolia à mania suicida: o círculo demoníaco brasileiro”, que traça o panorama do que pude esmiuçar à época dessas investigações. Depois publiquei outros textos em que mostro como, sem dúvida, a crítica ainda é importante, mas só ela não dá mais conta de operar como resistência à força da direita. Constatando tal limite da crítica, assumi que os problemas atuais são sintomas modernos em amplo sentido e que todos nós somos responsáveis por eles.

Com isso, rompe-se o elemento judicativo moralista inerente a muitas análises críticas para permitir a entrada de um lugar importante da psicanálise. Toma-se, por meio dela, as múltiplas soluções de compromisso sintomáticas, isto é, as suas várias camadas - sociais, psíquicas, históricas, políticas - para decompô-las e analisá-las até dissolvê-las. O caráter antitético da crítica tem mostrado cada vez mais fortemente seus limites em uma era digital que opera por 0 ou 1, daí a importância de dar ênfase às mediações que se alocam nos limiares entre as diferentes posições que sempre são identidades - não só no que se chama "lutas identitárias" (risos). Qualquer predicado atribuído a um nome é uma identidade, inclusive filósofo ou psicanalista, lacaniano ou freudiano, por exemplo.

A mudança, ainda anterior à Covid-19, mas que se acirrou a partir dela, se refere à glorificação e à heroização do fascismo hoje e, de outro lado, uma espécie de impotência da memória e da história como formas de resistência à violência. Estou escrevendo um texto agora sobre os meandros dessa mudança a partir de Donald Trump, Eichmann, O. J. Simpson e o abismo de Gaza. A conexão entre tais figuras e elementos históricos, aparentemente disparada, parte de escritos de duas feministas estudiosas de psicanálise e teoria crítica: Jacqueline Rose e Shoshana Felman. Esse fracasso importante da memória deve ocupar psicanalistas e filósofos - repetir, recordar e elaborar parecem insuficientes como alternativa ao mal e podem inclusive servir aos seus fins, eis o que me parece estar em jogo agora.

MDCS: *Me lembro de uma professora na filosofia, em 2019, me dizer "Revolução? Quem é que acredita em revolução, hoje?". Penso no impacto que teve para mim, em 2019, assistir suas conferências sobre "O homem Moisés" e a aposta dele no exílio do deserto. Me lembro também de um certo consenso que havia na época sobre a importância de se extrair lições da psicanálise para políticas emancipatórias. Lembro-me inclusive das conversas com amigos e das conferências que íamos, onde sempre, alguém, em algum momento, chegaria a fazer uma comparação entre uma revolução e um ato analítico, ou ainda um ato falho - mesmo sem nunca ter lido nada sobre a história das revoluções... Quero dizer, como você se vê hoje na história das relações entre marxismo e psicanálise? Ou ainda, como você localiza o seu trabalho intelectual na tradição marxista? Estranho falar em revolução hoje?*

AAF: Essa pergunta é muito complexa e não daria para tratá-la toda no recorte desta entrevista. Implicaria o resgate de toda uma tradição, especialmente a da teoria crítica frankfurtiana que articula das mais diferentes formas psicanálise e marxismo. Seja como for, talvez fosse importante trazer a razão pela qual a primeira geração da Escola de Frankfurt resolveu se dedicar à psicanálise. Tanto Theodor Adorno quanto Max Horkheimer voltaram sua atenção à obra de Freud e outros psicanalistas porque tinham uma pergunta sobre o fracasso da revolução proletária. Era evidente que a precarização extrema da classe trabalhadora já tinha ocorrido em grande parte da Europa antes e, sobretudo, depois da Primeira Guerra Mundial ou ainda mais após a queda da bolsa em 1929, por exemplo. Isso redundou, paradoxalmente, no fortalecimento da extrema-direita e trouxe ainda a ascensão de Hitler. Como entender esse fracasso da revolução, que seria esperada quando a classe trabalhadora não tivesse mais nada a perder e se desse conta da sua força de trabalho como valor e, por conseguinte, como forma de luta? O que se viu não foi exatamente o que se esperava. Por outro lado, a Revolução Russa trouxe uma série de aberturas importantes para o viés revolucionário da esquerda e entrou em disputa com o capitalismo, mas no longo prazo o enredo stalinista apresentou um horror que não se pode negar: em muitas dimensões foi algo análogo ao que houve de pior na extrema-direita. Como ficamos, então? Brinco que atualmente retornei ao cartesianismo e sou a essência da dúvida. Retomo um procedimento marxista de análise das mediações em cada uma das situações materiais e históricas que se apresentam, mas a dialética, embora ainda necessária, não é mais suficiente. Talvez, por isso, para além das questões de mercado, a psicanálise tenha se tornado uma ferramenta essencial.

MDCS: *Lendo a entrevista de Marilena Chaui, principalmente nos momentos de crítica ao que ela chama de “movimentos identitários”, lembrei do seu artigo “Política: entre fraldas sujas e amor” em diálogo crítico com Maria Rita Kehl. A certa altura você escreve “velhas fórmulas psicanalíticas ou marxistas usadas de maneira judicativa desqualificante não cabem mais”. Fico me perguntando se esse problema não poderia ser elaborado de outra maneira, não pensando nessa chave entre o velho e o novo. Sinto que essa dicotomia pode alinhar a discussão em uma espécie de busca por atualizar o antigo, como se a questão fosse que os antigos não se atualizaram com as novas notícias e ficaram obsoletos. Contra isso eu diria que acho extremamente atual não querer entrar no século XXI. E estou pensando nessa direção também para desnaturalizar a ideia de que haveria “uma esquerda”, com um “modelo tradicional”, e que este teria entrado em uma suposta crise, ou em fragmentações, etc. Até porque não acho que são só intelectuais mais velhos que afirmam serem as “pautas identitárias” o que caracteriza o problema atual da esquerda. Por um lado, ainda me sinto tentado sim a pensar esse impasse como um problema de gerações, a antiga e a nova. Mas, por outro, sinto que seria impróprio não considerar as mudanças do terreno da vida social no capitalismo hoje, não considerar como um novo terreno poderia talvez estar produzindo em partes esse impasse, enquanto é lido a partir de noções que tínhamos de um outro terreno material, de outro momento histórico. Como você avalia esse impasse de alguns intelectuais e suas críticas aos movimentos e pautas identitárias, no nosso tempo histórico?*

AAF: Essa pergunta é excelente! Obrigada por formulá-la aqui. Acho importante situá-la. As pautas tidas como identitárias estão em circulação desde as décadas de 1960-70. De fato, como aponta Nancy Fraser, desde a era Clinton algumas lutas e discursos serviram como formas tanto de escamotear quanto de dar livre curso ao caráter predatório de um novo modelo de capitalismo, o neoliberal globalizado. Contudo, o fato de, como sempre, o capitalismo se apropriar do que convém aos seus interesses mais nefastos não invalida o que é debatido e reivindicado nas lutas por direitos e justiça. Por isso, minha pergunta: por que a esquerda tradicional tem invalidado, na mesma onda da extrema-direita, as pautas ligadas a marcadores sociais? Um dos argumentos usados pela esquerda tradicional é o modismo e o outro seria o enfraquecimento da luta de classes que se veria subdividida. Não considero nenhum desses dois argumentos fortes. Gostaria de lembrar, só para citar um exemplo contraditório sobre o argumento da moda, como o próprio Roberto Schwarz, um dos principais ícones da esquerda que tenho denominado tradicional, reconhecia que o marxismo, à época da ditadura, estava situado entre a intelectualidade brasileira de forma não só livre, como última tendência da moda nos diferentes circuitos simbólicos das artes e do pensamento:

‘Em 1964 instalou-se no Brasil o regime militar, a fim de garantir o capital e o continente contra o socialismo. O governo populista de Goulart, apesar da vasta mobilização esquerdizante a que procedera, temia a luta de classes e recuou diante da possível guerra civil. Em consequência, a vitória da direita pôde tomar a costumeira forma de acerto entre generais. O povo, na ocasião, mobilizado mas sem armas e organização própria, assistiu passivamente à troca de governos. Em seguida sofreu as consequências: intervenção e terror nos sindicatos, terror na zona rural, rebaixamento geral de salários, expurgo especialmente nos escalões baixos das Forças Armadas, inquérito militar na Universidade, invasão de igrejas, dissolução das organizações estudantis, censura, suspensão de habeas corpus etc. Entretanto, para surpresa de todos, a presença cultural da esquerda não foi liquidada naquela data, e mais, de lá para cá não parou de crescer. A sua produção é de qualidade notável nalguns campos, e é dominante. Apesar da ditadura da direita, há relativa hegemonia cultural da esquerda no país. Pode ser vista nas livrarias de São Paulo e Rio, cheias de marxismo, nas estréias teatrais, incrivelmente festivas e febris, às vezes ameaçadas de invasão policial, na movimentação estudantil ou nas proclamações do clero avançado. Em suma, nos santuários da cultura burguesa a esquerda dá o tom. Esta anomalia - que agora periclita, quando a ditadura decretou penas pesadíssimas para a propaganda do socialismo - é o traço mais visível do panorama cultural brasileiro entre 1964 e 1969. Assinala, além de luta, um compromisso.’

Pois bem, essa passagem de **Cultura e Política, 1964-1969** (Schwarz, 1970) ilustra precisamente um paralelo entre aquilo que hoje a esquerda tem dito sobre as denominadas lutas identitárias e o que a



esquerda marxista brasileira vivia nos primeiros anos da ditadura. Naquela época, o marxismo também se tornou um modismo e uma forma de dar passagem ao pior do capitalismo por meio do regime militar. Nenhum intelectual da esquerda considerou que as pautas e reivindicações da esquerda deveriam se dissolver em função de tal modismo simbólico; ao contrário, o modismo inclusive foi aproveitado para servir como uma maneira válida, ainda que parcial, de resistir à exploração da classe dominante. Não raro vemos agora intelectuais da esquerda desqualificarem feminismos (mesmo os marxistas), as análises decoloniais, pós-colonialistas ou queer, alegando tal modismo e um modo de dar passagem ao neoliberalismo. De outro lado, não renunciam às plataformas digitais ou outras que dão visibilidade e difundem seus trabalhos, mesmo quando estas obedecem à lógica mais predatória do capitalismo. É impossível renunciar totalmente a elas no sistema em que vivemos. Então de onde vem tal condenação? Bem, o capitalismo pode ter absorvido em parte as pautas denominadas identitárias para revestir-se de humanitário, mas reduzir e culpabilizar os feminismos, as pautas decoloniais ou queer pelo neoliberalismo é um salto um tanto quanto capcioso.

Importante dizer que uma coisa é a crítica do que as redes sociais vinham fazendo até pouco tempo com os diferentes nichos de mercados - e isso já mudou com o anti-wokismo, infelizmente - e o que empresas também utilizaram para cooptar certas lutas; outra coisa, bem diferente, é desqualificar as próprias lutas e os discursos pelo fato de eles terem sido parcialmente absorvidos em algumas esferas de interesse do mercado. Muitos intelectuais "críticos" nem se dão ao trabalho de estudar ou mergulhar no que tem sido arduamente construído por muitos/as teóricos/as e intelectuais que utilizam marcadores sociais em suas análises. Alguns poucos intelectuais da esquerda tradicional leem o suficiente para desqualificar rapidamente e voltar ao mesmo lugar. Só consigo concluir que estão mais preocupados em não perder poder e espaços antigos de privilégio e prestígio.

Na minha visão, o avesso da crítica é a desqualificação. Ela é a sombra do trabalho intelectual. O trabalho intelectual, se ele mantém-se alinhado à dialética, implica um mergulho nos discursos para separar o joio do trigo e contribuir para uma espécie de movimento da crítica pelas mediações, pelos detalhes, pelas contradições e impasses. Pegar tudo em bloco - feminismo, decolonial, queer, lutas identitárias - e jogar no lixo é um movimento, a meu ver, anti-intelectual. Agora a esquerda quer culpabilizar feministas pela divisão da pauta de classe - me parece um absurdo. Desde Engels e Marx sabe-se que a primeira divisão de classes se deu pela divisão sexual do trabalho... Só posso desconfiar de tal narrativa e, como disse, a atribuo a uma atual disputa de poder entre a própria classe intelectual, o que é lamentável.

Sobre não querer entrar no século XXI, eu diria que, sim, o mundo digital reconfigurou o mundo a tal ponto que o universo da sensibilidade se contraiu e essa é uma perda desastrosa. Mas lembro sempre da frase pronunciada por minha amiga Lívia Santiago Moreira que cita Adam Phillips em sua pesquisa sobre as patologias da ficção, na qual mostra os limites das ficções que sustentaram a modernidade e o patriarcado: "se a única resposta possível é a catástrofe, está faltando uma teoria, uma outra ficção". Acho que não querer entrar no século XXI também indica uma renúncia de inventar uma outra ficção. Para a Marilena Chauí que fez um arco monumental de análises críticas como filósofa brasileira esta resistência a entrar no novo século certamente é perdoável, mas para nós não acho um bom caminho... Ainda há muito trabalho inventivo pela frente e talvez seja melhor salvaguardar a alegria das ficções do que a melancolia da crítica.

MDCS: *Você poderia explicar melhor este último ponto?*

AAF: Quando você menciona a entrevista dada pela Profa. Marilena Chauí, temos que considerar que ela ocorreu após o artigo *Contra calúnia*, no qual ela defendia Boaventura. Recorrer à erudição na defesa de um amigo, cuja posição social e política, em muitos aspectos, corresponde à dela, sem que tenha havido um mergulho efetivo nas narrativas sobre o que aconteceu e nos meandros das

situações, nos artigos escritos pelas mulheres em questão, nas ideias e nos argumentos delas em contraste com os dele, indica uma identificação e não uma análise crítica. Quando, na crítica, não há dedicação às mediações e aos processos, concluo que houve desqualificação por mera identificação de classe e de lugar de poder com colegas e pares, válido para o âmbito privado íntimo. Na esfera pública, me entristece que o trabalho intelectual sirva a esse fim. Vira apenas uma canetada.

Ademais, é preciso considerar igualmente que um capitalismo de guerra, ideologicamente nacionalista, volta-se às pautas ditas identitárias e as coloca como alvo central de ataque. Recentemente, o anti-wokismo estadunidense, por mais paradoxal que seja, deu aval ao conservadorismo existente na esquerda, que também aparece muitas vezes alinhado ao patriarcado e a processos colonialistas. O que considero extremamente complicado é essa desqualificação das pautas ditas identitárias por parte de intelectuais e militantes de uma esquerda tradicional, pois grande parte das feministas e populações dissidentes se alinhavam à esquerda, mas vêem-se atacadas por apresentarem outras camadas que estremecem lugares de poder na esquerda tradicional. Então, sim, fiz aquela divisão entre “lutas ditas identitárias e esquerda tradicional” em meu artigo em diálogo com a Maria Rita Kehl, mas acho uma tristeza assistir a essa subdivisão, que, insisto, não é causada pelas feministas.

Um último ponto que queria acrescentar a essa problemática é um tipo de discurso da intelectualidade da esquerda tradicional que não cola mais em razão de uma crítica - ou ataque - que a extrema-direita tem feito em relação a uma certa hipocrisia que circunda lugares de privilégio da classe intelectual acadêmica. Como vimos acima, a partir do exemplo de Roberto Schwarz, no passado a classe intelectual e artística seguiu livre à esquerda mesmo com o poder nas mãos da extrema-direita. Por que a direita atual já mirou as universidades e a classe intelectual? Porque há lugares de poder, privilégios e prestígio entre acadêmicos que a extrema-direita, infelizmente, não quer mais deixar de lado. É verdade que houve uma precarização do trabalho acadêmico, mas ainda - e felizmente é assim - é um lugar com privilégios, prestígio e poder simbólico relevantes. Nessa conta de poderes e privilégios acadêmicos, que já se perdeu bastante em função do avanço tecnológico e não das lutas tidas como identitárias, o discurso tradicional de esquerda, elaborado por intelectuais, não admite ou não enxerga seu próprio poder e se interpreta quase como uma espécie de proletariado ou como uma parcela neutra ao lado da classe oprimida. Isso claramente não se sustenta...

Recentemente li **Breve história do conflito Israel-Palestina**, de Ilan Pappé. Ali fica claro como a criação das universidades em Israel respaldou a ideologia sionista colonizadora por meio de argumentos sobre justiça. Alegar que a academia tem professores destituídos de poder e que só fazem pesquisa, escrevem e ministram aulas em um lugar quase análogo ao da classe trabalhadora ou apenas ao lado desta é uma falácia. Subestimar ou esconder o poder da posição do intelectual, que tem respaldo institucional acadêmico, é apenas uma forma de manter intacto tal poder sem dar bandeira para não perdê-lo. Pautas identitárias entraram na academia e um grupo de intelectuais viu seu lugar de poder estremecido. Ao invés de abrir um campo comum, começaram a desqualificar lutas e discursos que também têm no horizonte a igualdade, a justiça, a resistência contra a opressão... Acho isso muito triste.

MDCS: Entendo que iniciativas como a criação do GEPEF se inserem nesse campo de reflexão sobre a implicação e a consequência do trabalho intelectual na luta política. Sempre interpretei suas reflexões sobre o problema das formas pelas quais se dão o trabalho intelectual na luta de classes, como sendo um “cuidado benjaminiano”. E, para não cair na ideia de “perguntar ao intelectual sobre os futuros da política das esquerdas”, queria poder perguntar sobre suas experiências políticas e o seu balanço sobre a situação da organização política dos trabalhadores intelectuais nos últimos anos.

AAM: O trabalho intelectual de feministas, que ajudei a organizar por meio do Grupo de Estudos, Pesquisas e Escritas Feministas, é uma forma de resistência tanto ao patriarcado ostensivo da extrema-direita quanto ao patriarcado subterrâneo da esquerda - e aqui não serve recorrer à categoria mulher para falar de feminismo, pois há muitas mulheres que ocupam posições análogas às de esquerdomachos. A resistência política por meio da abertura de espaços de pensamentos, escritas, estudos e difusão é uma resistência vagarosa porque não pode e nem quer ser panfletária. Ela opera no plano simbólico, criando espaços discursivos que sustentam posições de resistência à violência e às injustiças de gênero, sem renunciar à interseccionalidade, ou seja, sem desconsiderar as violências de classe e raça que se alinhavam às de gênero. É um trabalho político de bastidores e às vezes abre caminhos institucionais para mostrar sua voz, mas não se adequa aos interesses estruturais das instituições.

MDCS: Lendo o seu último artigo publicado, “A palavra das mulheres como *phármakon*: uma leitura arqueológica”, em que você associa o diagnóstico de Michael Foucault à arqueologia de Bárbara Cassin e à análise de Nicole Loraux sobre a afirmação da filosofia clássica, com o estabelecimento da lógica aristotélica, sustentadas pelo sufocamento de outras modalidades de saber, confinadas no campo da sofística, não pude deixar de pensar nos seus trabalhos sobre a vulva, principalmente sobre o “sufocamento da lógica da vulva”, amplamente discutido no seu Dossiê organizado para a revista *Cult* em 2024. Me parece que esta sua investigação percorre suas reflexões e configura uma espécie de projeto político-epistemológico de apontar essas supressões e conceder a consistência real dessas modalidades de linguagem e saber soterradas pelo discurso dominante. Há um livro novo seu em que você sistematiza esses seus últimos trabalhos mais recentes sobre a vulva em caminho de lançamento. Você pode falar um pouco sobre ele e da história da sua relação com esses estudos?

AAM: Obrigada novamente pela pergunta, Marcel. Ela exigiria uma quantidade imensa de desdobramentos, mas prefiro convidar o leitor da entrevista a ler o artigo citado por você que saiu na Revista *Kriterion* no ano passado e o livro *Discursos da Vulva*, que sairá em breve pela Editora *Cult*.

De qualquer modo, posso dar algumas poucas indicações desses estudos aqui. Em primeiro lugar, a misoginia é algo seríssimo e não é possível diminuir ou desqualificar o que mulheres elaboraram nas três principais ondas feministas e em suas mais amplas vertentes de pesquisas e lutas. Quando um intelectual resiste a esse ramo de pensamento, não o considero como alguém relevante na atualidade. É grave. É como se um intelectual fizesse de conta que o estruturalismo ou o materialismo-histórico-dialético é irrelevante; por isso, talvez, essa minha espécie de decepção em relação a alguns intelectuais que antes admirava. Muitos deles não se deram ao trabalho de fazer uma revisão bibliográfica mínima e emitem seus juízos sem nenhum constrangimento por terem poder de fala já conquistado. É um desserviço para uma posição que se diz comprometida com a igualdade e a emancipação, como já disse. Tal atitude revela muito mais uma defesa psíquica, ela mesma parte de processos de apagamentos detectados pelos diferentes feminismos e pelos estudos antirracistas, decoloniais e/ou pós-colonialistas. Hoje, porém, uma defesa psíquica de recusa não é justificável. O trabalho psíquico também tornou-se uma exigência importante para uma boa produção intelectual, pois a subjetividade deve igualmente estar à altura de nosso tempo. Ou seja, se está defendido atacando uma pluralidade gigantesca de estudos, reflexões e lutas atuais, também é necessário cuidar disso em análise... Não que não possa haver crítica, mas a crítica deve ser devidamente trabalhada, o que lamentavelmente não é o que tem ocorrido - mas acho que já falei sobre esse ponto.

Além de psicanalista, tenho uma herança benjaminiana muito forte na minha formação filosófica. A partir dela considero importante destacar a origem dos conceitos na história. Origem não é o encontro de uma data ou de um ponto específico da gênese de algo, mas uma *dynamis* a partir da



qual o conceito hoje reescrito é capaz de encontrar sua universalidade nas tramas da história. Como mulher feminista refleti sobre um modo específico de desqualificação da mulher: acusá-la de sedutora e colocar o lugar da beleza como um elemento superficial e fútil. Claro que a beleza e a sedução podem recair em algo narcísico, ligado ao feminino que se presta a ser mero objeto ao olhar do Outro - não sei se isso também é tão simples assim, mas enfim. Entretanto, a beleza e a sedução têm uma importância histórica, social, filosófica e subjetiva indiscutível. Por que esses dois aspectos recebem juízos tão pejorativos quando atrelados à mulher, sendo que constatamos de maneira indiscutível o poder da beleza e da sedução nas relações e na vida humana? Lendo Os usos do erótico, de Audre Lorde, comecei a refletir sobre os campos eróticos e vivos das mulheres que são minados pelos discursos misóginos. Rastreando a origem desse problema, observei que foi a condenação da sofística pelos filósofos que primeiro condenou o lugar da sedução e depois desqualificou por completo o lugar das mulheres, o que pude detectar por meio de uma recuperação arqueológica da mulher mais bonita do universo clássico, Helena, e de Aspásia, uma intelectual sedutora e inteligentíssima desqualificada por homens em diferentes peças teatrais e discursos.

Com a vulva obtém-se outro aspecto fundamental para a psicanálise hoje: a vulva não é a falta do pênis ou do falo, como sempre se indicou pela ideia da ameaça de castração. A vulva é apenas uma outra cadeia de linguagem. É a essa outra cadeia de formas e linguagens que busco dar voz em meu novo livro por meio da psicanálise, da estética e do feminismo."

Alessandra Martins – Atualmente é Pesquisadora responsável pelo Auxílio à Pesquisa Jovem Pesquisador da FAPESP (EFLCH-UNIFESP e Cátedra Edward Saïd), Psicanalista, Filósofa e Escritora. Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidade de São Paulo (Bolsa Capes - USP/2015) com período sanduíche na Alemanha-Berlim (ZfL), Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (Bolsa Capes - PUC-SP/2004), formada em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP/2007) e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP/1999). Em sua pesquisa de pós-doutorado pela FFLCH-USP e pela Birkbeck, University of London (bolsa FAPESP) dedicou-se ao estudo da categoria de estrangeiro em Freud e Walter Benjamin. É membra do GT de Filosofia da Psicanálise da ANPOF, do GEPEF (Grupo de Estudos, Pesquisas e Escritas Feministas) e da SIPP (International Society of Psychoanalysis and Philosophy).

Marcel D. C. Souza – Graduado em Psicologia pela PUC-Campinas. Mestrando em Linguística, na linha de pesquisa "Linguagem e Psicanálise" do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp e membro do grupo de pesquisa PsiPoliS (Psicanálise, Política, Significante).

CANAL DO YOUTUBE

Playlist “XI Congresso Internacional Filosofia e Psicanálise” que ocorreu entre os dias 1 e 5 de dezembro de 2025 na Universidade Federal do Amazonas, em Manaus.

“No **Canal oficial do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF** você encontra o registro dos **25 vídeos** realizados pelo **GT Filosofia e Psicanálise**, coordenado por **Caio Souto (UFAM)** e **Aline Sanches (UEM)**, como vice-coordenadora, no **XI Congresso Internacional Filosofia e Psicanálise** que ocorreu entre os dias **1 e 5 de dezembro de 2025** na **Universidade Federal do Amazonas**, em Manaus.

O evento se estruturou em torno da descentralização conceitual e geográfica da área. O Congresso (com o tema **“Filosofia e Psicanálise na Amazônia: diálogos interdisciplinares e perspectivas contemporâneas”**) propõe uma extensão do conceito freudiano de Mal-Estar na Cultura (ou, como sugerido, Mal-Estar na Natureza...), tendo confrontado a psicanálise com a crise ambiental, o problema amazônico e as questões étnico-raciais. Foi algo extraordinário para os membros do grupo levar o GT para uma região historicamente menos contemplada do Brasil, que acrescentou aos nossos estudos uma instigante viagem pela história e pelos costumes da Amazônia.

Em entrevista ocorrida em momento anterior ao Congresso, Caio Souto menciona a capacidade de um ser vivo (ou de um povo) de criar novas normas de vida e resistência diante das transformações do meio ambiente, mobilizando estratégias de sobrevivência e recriação dos povos amazônicos, desafiando a psicanálise a “aprender a escutar” essa vitalidade.

Já Aline Sanches, também em entrevista anterior à realização do Congresso, ressaltou que a temática do XI CIFIP se deslocou junto com o eixo geográfico, sendo motivada pela potência da pesquisa feita na região e pela necessidade de integrar os saberes regionais. Houve uma provocação para que os participantes contribuam com temas que levassem em consideração a questão da Amazônia e seus problemas concretos, incluindo as questões ameríndias.

Destaca-se o trabalho realizado localmente de trazer saberes indígenas para conversar com a filosofia e a psicanálise, buscando uma conexão de saberes que não seja unilateral, mas de criação conjunta.

Os 25 vídeos da transmissão online do evento ajudaram a democratizar o acesso e integrar um país de dimensões continentais.”

**- Eduardo Ribeiro da Fonseca
(PUC-PR)**

Link para acesso à playlist.

Edições anteriores do Informativo

Confira as edições anteriores do *Informativo Conexões* do Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise da ANPOF clicando [aqui](#).

Mapeamento de Membros do GT

Participe do mapeamento que estamos realizando da comunidade interessada nas produções e realizações do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF preenchendo este [formulário](#).

Acervo Visual do GT

Confira a página de registros fotográficos, agora com link permanente [aqui](#).

Assine e participe do Informativo Conexões

Realizando sua assinatura, enviaremos o informativo trimestralmente ao seu endereço de e-mail. Para isso, preencha este [formulário](#). Para enviar conteúdos para compartilharmos com nossa comunidade através do *Informativo Conexões*, preencha [aqui](#).

